



Boletim 2: Decolonialidade Junho de 2025



Este boletim de pesquisa faz parte de uma série de três edições cujo objetivo é oferecer um panorama de três eixos temáticos, caros à equipe do CIESPI/PUC-Rio, abordados nos artigos organizados na base de dados bibliográficos “Participação Infantil e Juvenil – Produção Acadêmica na América Latina (2005-2023)”, a saber: participação, decolonialidade e intergeracionalidade.

Essa base foi desenvolvida no âmbito do projeto “Participação cidadã: população infantil e juvenil em foco”, coordenado pela professora Irene Rizzini (PUC-Rio/DSS/CIESPI), com o apoio da FA-
PERJ (CNE - Processo E-26/201.113/2022). Nele, analisamos diferentes aspectos da participação cidadã e do protagonismo de crianças, adolescentes e jovens no Brasil.

Mais informações sobre o projeto e sua equipe de pesquisadoras podem ser encontradas em: www.ciespi.org.br.

Autora: Caroline Araujo | Editoras: Irene Rizzini e Renata Brasil

1.0 - Introdução

Este boletim de pesquisa tem como objetivo discutir a produção acadêmica sobre decolonialidade, no contexto da participação infantil e juvenil (até os 18 anos), publicada entre os anos de 2005 e 2024. A proposta é entender como a perspectiva decolonial dialoga com as discussões sobre protagonismo e participação de crianças, adolescentes e jovens, com foco em estudos latino-americanos escritos em português e espanhol.

Os estudos decoloniais na América Latina referem-se a um arcabouço teórico-prático que desafiam as estruturas de poder e os sistemas de conhecimento persistentes, enraizados no colonialismo, com o objetivo de dismantelar seus legados e promover perspectivas alternativas, questionadoras do legado eurocêntrico. Envolve o reconhecimento da colonialidade do poder, onde as estruturas coloniais de dominação persistem mesmo após a independência política, particularmente na produção de conhecimento, na formação de identidades e na governança. As práticas decoloniais abrangem processos multifacetados para o reconhecimento de ontologias e epistemologias marginalizadas (Mignolo, 2021).

A partir desse levantamento, foi possível identificar os principais debates e, também, algumas lacunas nas produções analisadas. A discussão sobre decolonialidade nos possibilita compreender as relações de poder que estão presentes nas experiências de participação social de crianças e jovens na América Latina. É uma perspectiva ainda pouco explorada na literatura acadêmica, sendo, portanto, sua análise especialmente importante.

2.0 - Metodologia

O levantamento bibliográfico sobre decolonialidade é complementar à base de dados bibliográficos “Participação Infantil e Juvenil – Produção Acadêmica na América Latina (2005-2023)”. Para sua realização, acessamos as seguintes bases indexadoras: SciELO, Portal de Periódicos da CAPES, WorldCat e Google Acadêmico. Também foram realizadas buscas nas bases Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, Clase – Citas Latinoamericanas em Ciencias Sociales y Humanidades, Redylamic – Red Latinoamericana y caribeña por la Defensa de los derechos de los niños, niñas y adolescentes

e IIDN – Instituto Interamericano del Niño, la Niña y adolescente, pela sua relevância na indexação de artigos na língua espanhola. Os descritores utilizados nas buscas incluíram termos como decolonialidade, decolonizar, decolonialismo, descolonialidade, descolonizar, descolonialismo, colonialidade e colonialismo (em português e em espanhol), sempre associados a "crianças", "adolescentes", "jovens", "infância", "adolescência" e "juventude".

Inicialmente, foram identificados 67 artigos sobre o tema em português e 53 em espanhol. Após um refinamento baseado na leitura minuciosa dos textos, foram selecionados 19 artigos em português e 16 em espanhol, considerando a pertinência ao tema da participação infantil e juvenil. Dentre os 35 artigos analisados, foi possível identificar alguns temas centrais com a proposta de introduzir perspectivas decoloniais. São eles: o adultocentrismo e protagonismo juvenil; a emergência de metodologias participativas e decolonizadoras; e a participação de crianças e jovens em movimentos sociais.

3.0 - Destaques da literatura pesquisada

3.1 - Adultocentrismo e protagonismo juvenil

Diversos autores abordam a necessidade de adotar um olhar decolonial para a infância e a adolescência, desconstruindo a visão adultocêntrica que historicamente os posicionam como seres submissos e dependentes. Por exemplo, autores como Sousa (2022) argumentam que a construção histórica da infância, vista como um ser dependente e incompleto – uma “página em branco” a ser preenchida por adultos –, reflete a colonialidade do poder e do saber. Essa visão, herdada do projeto colonial, nega às crianças a possibilidade de produzir sentidos próprios sobre sua existência, subordinando-as à dominação adulta. Oliveira (2021) complementa esta visão ao descrever que o adultocentrismo restringe a participação infantil e juvenil em espaços políticos e de direitos. Ruiz-Muñoz (2022) amplia esta análise,

ênfaticamente que o poder público deve problematizar os enquadramentos normativos e tuteladores que silenciam a participação infantil, para que crianças e adolescentes possam exercer seus direitos sem serem manipulados e normatizados por uma concepção conservadora sobre a infância.

Em síntese, os autores que discutem o adultocentrismo o qualificam como um modo que subordina crianças e adolescentes, silenciando suas vozes e perpetuando desigualdades. Por isso, defendem a necessidade de práticas que reconheçam esses grupos como protagonistas, capazes de resistir e reconfigurar relações de poder (Rizzini, 2024). Um olhar decolonial sobre a infância, em vez de um olhar adultocêntrico, possibilita que o protagonismo e a participação política e social das crianças sejam efetivamente respeitadas.

3.2 - A emergência de metodologias participativas e decolonizadoras

Metodologias participativas e decoloniais são abordagens que visam mudar as dinâmicas de poder na pesquisa e na produção de conhecimento, particularmente em contextos impactados pelo legado do colonialismo. Elas enfatizam a colaboração e o envolvimento comunitário com base em ontologias e epistemologias locais. As metodologias decolonizadoras buscam especificamente dismantlar estruturas e ideologias coloniais que marginalizaram certos grupos e seus sistemas de conhecimento (Walsh, 2010).

Autores como Silva (2021) destacam a necessidade de uma escuta sensível às realidades infantis, propondo uma educação emancipatória que reconheça as crianças como sujeitos ativos, em vez de receptoras passivas de conhecimento. Uribe e Dietz (2018) exemplificam essa ideia com uma experiência na Universidad Veracruzana Intercultural (UVI), onde crianças e jovens nahuas e mestizos foram incentivados a narrar suas vivências, considerando as famílias e comunidades onde vivem, por

meio de metodologias participativas como jogos, fantoches, contação de histórias, teatro e desenhos.

Este pensamento pode se conectar ao proposto por Bruniczak e Rosa (2024), que enfatizam que a escuta atenta às narrativas das crianças reconfigura relações de poder e promove a emancipação. Assim, ao respeitar a voz dos mais jovens e legitimar suas contribuições, pode-se promover uma educação emancipatória, alinhada aos princípios de autonomia e protagonismo.

Alguns autores também destacam a emergência de metodologias científicas que priorizam a participação e o protagonismo de crianças e adolescentes. Um dos exemplos é o de Clemente e Milshtein (2019), que realizaram uma pesquisa etnográfica na qual crianças e adolescentes foram coautores do processo investigativo.

Em suma, são produções que defendem uma educação que coloque crianças, adolescentes e jovens como protagonistas, com metodologias que integrem suas vozes e vivências, em prol de uma prática pedagógica decolonial.

3.3 - Participação de crianças e jovens em movimentos sociais

Os artigos levantados reúnem diversas perspectivas sobre o protagonismo e a participação política, social e cultural de crianças, adolescentes e jovens em movimentos sociais. Autores como Urbano et al. (2020), por exemplo, analisam o engajamento dos fãs de K-pop, como os Armys do BTS, que, majoritariamente jovens, utilizam plataformas digitais para apoiar movimentos como o #BlackLivesMatter. Corsino e Zan (2017) exploram a ocupação das escolas por estudantes de São Paulo, destacando a autonomia dos jovens na criação de um ambiente escolar democrático.

Uma outra perspectiva com viés decolonial a ser destacada focaliza crianças indígenas na Améri-

ca Latina, que participam ativamente de lutas sociais com suas famílias, sendo agentes de memória, cultura e resistência (Rico-Montoya, 2018; Sánchez, 2019); no Chile, jovens mapuches cocriam metodologias para valorizar sua cultura (Arce, 2015); no Peru, os jovens enfrentam contextos neocoloniais, exigindo políticas que respeitem suas singularidades (Mendoza-Zapata, 2022); Fraticola (2023) analisa o conflito entre saberes indígenas e a escola ocidental, destacando a urgência de uma educação que respeite a cosmovisão das crianças. Essas discussões estão majoritariamente nas produções em espanhol.

Em conjunto, esses trabalhos mostram como a participação juvenil, seja na cultura, na política ou na educação, desafia hierarquias, colonialidades e exclusões, propondo novos significados e práticas.

4.0 - Diferenças e lacunas identificadas – possibilidades de reflexão

A maioria dos artigos selecionados discute a participação de crianças, adolescentes e jovens em movimentos sociais. Contudo, os artigos em espanhol, que são a maioria nessa temática, destacam sua participação em movimentos indígenas, como observado nos artigos de Arce (2015), Sánchez (2019), Rico-Montoya (2018), Mendoza-Zapata (2022), Fraticola (2023) e Oliveira (2024). Os textos em português abordam os movimentos sociais de forma mais genérica, com menos ênfase nas populações indígenas, como observado em Urbano et. al. (2020) e Corsino e Zan (2017).

Autores brasileiros, como Guimarães (2023) e Dourado e Bernardes (2023), focam no adultocentrismo como uma força opressiva estrutural, frequentemente ligada a questões de violência e necropoder, como no caso do “genocídio juvenil” apontado por Pereira e Maesso (2023), além das vulnerabilidades impostas aos mais jovens. O termo necropolítica, cunhado por Achille Mbembe (2020), descreve a relação entre poder e morte, onde o poder polí-

tico é exercido não apenas pelo controle da vida, mas pela determinação do destino (vida e morte), como forma de controle social e político.

Já os textos em espanhol não abordam essa violência estrutural do adultocentrismo. Em vez disso, focam na necessidade de valorizar a voz e os saberes dessa população, seja no ensino ou na ciência, a partir de metodologias participativas, buscando considerar a infância como sujeitos não subalternos (Ruiz-Muñoz, 2022; Gascón, 2015).

Alguns subtemas que consideramos relevantes apenas aparecem de forma periférica, como a questão ambiental. Identificamos somente um artigo abordando diretamente esta temática (Menezes; Riz-

zini, 2023). Também vale destacar a escassez de produções voltadas para a Primeira Infância — ela só aparece nos artigos de Robayo-Noreña e Arroyo-Ortega (2024) e de Bruniczak e Rosa (2024). O uso de plataformas digitais, por sua vez, só foi discutido por Quijano (2018) e, paralelamente, por Urbano et. al. (2020), ao analisarem a participação política e social de fãs de K-pop. Um outro ponto a ressaltar é que há uma lacuna em relação a temas ligados a gênero e sexualidade.

Por fim, compreendemos que a decolonialidade passa por ampliar as vozes de crianças, adolescentes e jovens, questionar o adultocentrismo e reconhecer esses sujeitos como atores políticos e detentores de direitos e saberes.

5.0 - Bibliografia

ARCE, Gianinna M. Intervención social en contexto mapuche y descolonización del conocimiento. *Tabula Rasa*, n. 23, p. 267-287, jul./dez. 2015.

BRUNICZAK, Aline K.; DA ROSA, Geraldo Antonio. De/colonialidade e infância - reflexões sobre a palavra da criança e seu lugar de fala. *Caderno Pedagógico*, Curitiba, v. 21, n. 9, p. 01-15, 2024.

CIBOTARI, Teresa Beatriz A. Ecos coloniais, ressonâncias contemporâneas: silenciamentos e enunciações do sujeito infantil africano na literatura. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2024.

CLEMENTE, Ángeles; MILSTEIN, Diana. Abriendo ventanas para ver y entender: etnografía en colaboración con niños, niñas y jóvenes en México y Argentina. *Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación y Desarrollo Humano*, ano 2019, v. 15, n. 2, set. 2019.

CORSINO, Luciano N.; ZAN, Dirce Djanira P. A ocupação como processo de descolonização da escola: notas sobre uma pesquisa etnográfica. *ETD Educação Temática Digital*, Campinas, v.19, n.1, p. 26-48, jan./mar. 2017.

DA SILVA, Marta Regina P. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. *Cadernos de Educação*, Pelotas, p. 83-100, 2017.

DOURADO, Adriana G.; BERNARDES, Anita G. Do/O outro lado da rodovia. *EstuDAv Estudios Avanzados*, Chile, v. 39, p. 28-43, 2023.

FERREIRA-DA-SILVA, Otavio Henrique. Dos vestígios coloniais à descolonização da educação infantil. *Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 25, n. 1, p. 311-325, jan./abr. 2021.

FRATICOLA, Roxana C. El derecho a preservar la identidad cultural de los pueblos originarios: subordinación de los saberes ancestral a la cultura dominante. Caso: Escuela Estatal Inserta en Comunidades Mapuche de La Provincia Del Neuquén, Argentina. *Utopía y Praxis Latinoamericana: Revista Internacional de Filosofía*, Colombia, ano 28, n. 103, 2023.

GASCÓN, Felip; GODOY, Lorena. Presencia e in-diferencia. Por un estatuto visual de la niñez. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 13, n. 2, p. 645-656, 2015.

GUIMARÃES, André. Adolescência e ato infracional no Brasil ocidentalizado: notas sobre a produção histórica e transversal. *Artigos & Ensaios, Campinas*, v. 32, p. 1-30, 2024.

LEME, Maria Cecilia G.; POZZER, Suzan A. (De)colonialidade da ideia de infância na educação latino-americana e caribenha. *Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca, Aula*, n. 28, p. 85-95, 2023. *Aula*, 28, 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolitics*. Duke University Press, 2020.

MEDRANO, Luz María M.; GUILLÉ, Gustavo C. Metodologías inductivas interculturales para una pedagogía decolonial. *Sinéctica*, jan. 2019.

MENDOZA-ZAPATA, Rossana. Ser joven andino quechua cerca y lejos de sus comunidades de origen. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v. 20, n. 2, mai.-ago. 2022.

MENEZES, Mariana N.; RIZZINI, Irene. Decolonialidade e infância: herança colonial e conexão das crianças com a natureza. *O Social em Questão, Rio de Janeiro*, ano XXVI, n. 56, p. 39-60, mai.-ago. 2023.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

MORUÁ, Carmen C. El colonialismo y los skates, bikers y raggas en limón. *Revista de Ciencias Sociales*, v. III-IV, n. 117-118, p. 27-42, 2007.

OLIVEIRA, Assis da C. Colonialidad del Poder centrado en los adultos y/o los derechos de los niños y los jóvenes. *Andamios, México*, v. 22, n. 57, p. 241-274, jan.-abr. 2024.

OLIVEIRA, Assis da C. Colonialidade do poder adultocêntrico e/nos direitos de crianças e jovens. *Culturas Jurídicas, Niterói*, v. 8, n. 20, mai./ago. 2021.

ORTEGA, Adriana A.; SALGADO, Sara Victoria A. Conocimiento en colabor: reflexiones y posibilidades para la construcción de paz. *Universitas*, v. XIV, n. 25, p. 121-148, 2016.

PEIXOTO, Ana Clara. “Quem vai querer saber da minha história?”: Refletindo sobre decolonialidade com adolescentes na socioeducação em internação a luz de estudos raciais. *Revista Desenvolvimento Social, Montes Claros*, v. 29, n. 2, p. 94-113, jul./dez. 2023.

PEREIRA, Samuel T. A. de; MAESSO, Márcia Cristina. A colonização da adolescência e sua subversão pela Psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, Rio de Janeiro*, v. 23, n. spe, p. 1349-1364, 2023.

QUEIROZ, Beatriz M.; CONCEIÇÃO, Deise Guilhermina da. (De)colonização do currículo: o desafio de movimentar o magma das estruturas coloniais para possibilitar uma ecologia de saberes. *Revista Espaço do Currículo, João Pessoa*, v. 16, n. 3, p. 1-16, 2023.

QUIJANO, Ricuarte. Jóvenes y cultura digital: abordajes críticos desde América Latina. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, Tribuna*, abr./jul. 2018

RICO-MONTOYA, Angélica. De la colonización al proyecto de emancipación y educación zapatista. *Relatos de infancia: racismo, violencia y memoria colectiva. Ra Ximhai*, v. 14, n. 2, 2018.

ROBAYO-NOREÑA, Sandra Milena; ARROYO-ORTEGA, Adriana. Pensar la primeira infancia desde el campo y el habitus: aproximaciones y puntos de encuentro para la problematización de la participación infantil. *Zero-a-Seis, Florianópolis*, v. 26, n. 49, p. 260-276, jan./jun., 2024.

RUIZ-MUÑOZ, Isaac. Subalternidad, antagonismo y autonomía de la infancia: Análisis para el reconocimiento de su subjetividad política desde su potencial de multitud. *TS Cuadernos de Trabajo Social*, n. 24, p. 17-26, jul. 2022.

SÁNCHEZ, Dione Edith T. El camino de resintencia cultural del Pueblo Ampiuile: una pedagogía de pervivencia desde el proceso educativo propio, Territorio Indígena Ampiuile, municipio de Silvia Cauca, Colombia. *Revista Ciencia e Interculturalidad*, ano 12, v. 25, n. 2, jul./dez. 2019.

SANTIAGO, Flávio; DE FARIA, Ana Lúcia G. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. *Educação & Fronteiras*, Dourados, v.5, n.13, p.72-85, jan./abr. 2015.

SANTOS, Pamela Cristina. Discussões violências e racismo a partir de uma proposta de educação libertadora com crianças e adolescentes na escola. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 18, n.1, p. 148-163, jan./ jun. 2019.

SILVA, Otavio Henrique F. da. Colonialidade da educação infantil: análise crítica das práticas pedagógicas em uma instituição em contexto periférico. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 01-28, abr. 2024.

SOUSA, Vanessa de L. M. S. O sentimento de infância no Brasil: uma tentativa de decolonização. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, Brasília, v. 9, n. 3, set./dez. 2022.

SUZUKI, Clarissa L.; ALEIXO, Eliene de O. Do encantado da floresta ao fantástico da escola: cosmologia Ticuna e as árvores das crianças. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, Foz do Iguaçu, v. 5, edição especial, mai. 2019.

UNDA VILLAFUERTE, Fernando S., et al. Elementos para el debate crítico sobre inclusión, decolonialidad y educación para la salud. *Ciencia Latina Revista Científica Multidisciplinar*, México, v. 7, n. 4 jul.-ago, 2023.

URBANO, Krystal, et. al. K-pop, ativismo de fã e desobediência epistêmica: um olhar decolonial sobre os ARMYs do BTS. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, 2020.

URIBE, Verónica M.; DIETZ, Gunther. Pedagogías constructoras de paces en clave decolonial. La experiencia de la Universidad Veracruzana Intercultural. *Sinéctica*, jan. 2018.

WALSH, Catherine. (2010). Interculturalidad crítica y educación intercultural. *Construyendo interculturalidad crítica*, v. 75, n.96, p.167-181.

